

O CRENTE E O ATEU – Parte II (Um conto de respeito e tolerância)

Mário Jorge Lima

[Se não leu a primeira parte desse conto, baixe-o aqui: www.multisites.com.br/dl/ocrenteeoateu1.pdf]



Eduardo chegou a São Paulo por volta das 21h. Jurista conceituado, estava bem cansado. Trabalhou no Rio de Janeiro nos últimos dez dias e aquela tarde no Palácio da Justiça tinha sido estressante. O seu voo para São Paulo atrasara por força de uma chuva torrencial, teve que dar uma pequena entrevista para a TV ainda na sala de embarque, e de Congonhas até o hospital, em São Paulo, o trânsito infernal do corredor norte-sul o deixara esgotadíssimo. Afinal, já não era mais um jovem causídico. Ligou pra casa dizendo que iria direto

para o hospital, e pediu a uma de suas assessoras que cancelasse todos os seus compromissos do dia seguinte. Não estava com bons pressentimentos, e queria estar totalmente disponível para o amigo.

Chegando ao hospital, Eduardo inicialmente procurou o médico responsável pelo plantão para saber das reais condições de Sérgio. Não gostou do que ouviu; chorou interiormente. Entrou no quarto na ponta dos pés. Temia que se Sérgio acordasse, as dores voltassem e ele tivesse que ser sedado novamente. Pra falar a verdade, estava ansioso pra conversar com o amigo e gostaria que ficasse acordado. Recriminou-se pelo seu egoísmo. Ao vê-lo, espantou-se. Não imaginara o seu estado de magreza e esqualidez. Em duas semanas a doença havia devastado cruelmente seu corpo. Ficou ali, quietinho, e foi com pensamentos sombrios que acabou adormecendo também, sentado numa poltrona ao lado do leito.

Durante o voo viera pensando na última instigante questão que Sérgio, por telefone, no dia anterior lhe propusera. Ultimamente as questões de Sérgio, mente exata, eram, no entanto, todas muito simples, objetivas, mas, Eduardo sabia que sempre escondiam uma reflexão poderosa por trás de colocações aparentemente pueris, era só cavar um pouquinho. E sorriu ao lembrar-se de um momento do passado de ambos, quando jovens, em que dissera a Sérgio que não poderia casar com aquela que de fato veio depois a tornar-se sua esposa.

- Sérgio, não posso casar com a Nice, ela é, disparado, a minha melhor amiga!

Sérgio sem nem mesmo levantar os olhos pra ele, devolveu:

- Case-se então com uma inimiga. E eu até acho que, por causa da Nice você já tem várias, pode escolher.

Esse era o Sérgio, às vezes até ferino. Mas foi aquele diálogo simples na mesa de um barzinho na então badaladíssima Rua Augusta que o levou a decidir-se casar com Nice. Infelizmente, estavam separados, mas, Eduardo sabia que nunca deixaria de ama-la. Por isso, apesar de ser um setentão assediadíssimo, ter fortuna e fama, possuir alma de artista e dedilhar um piano romântico, nunca mais quis viver a dois. Não era um devasso, mas podia escolher suas companhias com relativa facilidade.

Sérgio o tinha chamado no dia anterior, e lhe dito algo simples, como sempre. Já não queriam mais discutir filosofia profunda, foi o que fizeram a vida toda, e isso não respondera às inquietações de ambos. Também não discutiam religião - entenda-se aqui, igrejas, denominações, doutrinas, profecias, misticismos, proselitismo, apologismos. Ambos estavam mais pragmáticos, até simplórios.

- Dudu – dissera Sérgio ao telefone – sei que você está numa roda-viva, mas, venha me ver, não estou bem, preciso falar com você. E quero lhe propor uma reflexão para a nossa próxima, talvez última conversa. Independente de sua atual não-crença, você há de convir que há valores bons e maus no mundo, existe o que chamamos de Bem e de Mal, existe o que convencionalmente consideramos certo e errado. Hoje que possuo fé, chamo o Bem de Deus, você tem outros bons conceitos para isso. Nesse sentido, o Mal, então, é a quebra do relacionamento espiritual homem-Deus, o que o deixa sem propósito no mundo, pouco mais que uma ameba. Você me disse algo nessa linha uma vez, quando ainda era cristão, lembra-se?

- Sim, lembro, claro.

- Dudu, essa moral não pode ser um produto das “amebas tridimensionais pensantes” que somos nós. Segundo você, nós viemos do nada absoluto, do acaso, sem nada de sobrenatural nesse processo, mas como poderíamos gerar essa moral que, apesar de todos os desmandos da humanidade, tem conservado nosso mundo ainda habitável? Pra considerarmos algo bom ou ruim, certo ou errado, tem que haver um padrão moral contra o qual vamos bater nossos conceitos, seja como indivíduos, seja a nível de uma comunidade, de uma nação ou de todo o universo. É esse padrão moral que eu chamo de Deus, e para o qual outras pessoas, de outras crenças e filosofias têm outros nomes. Mas, Dudu, meu amigo, aqui no hospital continuaremos a conversar, estou com dores, preciso dormir.

Eduardo lembrou-se que, quando ainda militava nas fileiras das pessoas crédulas e de mente espiritual, chegara a imaginar que quem não cria em Deus tinha algo a ver com coisas sinistras, com o próprio diabo. Agora que não era mais um crente, sabia que o ateu autêntico não crê em Deus e nem tampouco no diabo. Simplesmente não crê no mundo espiritual, não crê no sobrenatural. É mais fácil um ateu atravessar um cemitério à noite do que um crente. Sorriu tristemente ao pensar nisso e considerar quantas grosserias, indelicadezas e aleivosias, verdadeiros atos de desamor são cometidos, de parte a parte, entre as pessoas, simplesmente porque não têm as mesmas opiniões, convicções, crenças. Sentiu-se feliz porque entre ele e seu melhor amigo, isso jamais acontecera. Isso desmereceria as inteligências de ambos.

Agora, ao chegar lá, Eduardo queria, assim que Sérgio estivesse em condições, concluir aquela conversa, mas, sem papos cosmológicos, não tinham mais tempo, queria olhar nos olhos ainda inquietos e brilhantes do seu amigo e sentir o que havia por trás deles. Queria ouvi-lo mais um pouco, embora divergindo aqui e ali de suas posições, pois logo não teria mais essa oportunidade. Ouvir seu amigo, discordar dele, apertá-lo com seus argumentos, e também ficar enrascado com as colocações dele, ah, isso sempre fora para ele, Eduardo, o “suco dos sucos”, como dizia Tia Nastácia, do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Ou seria Dona Benta?

Sérgio acordou.

- Dudu, é você? Sabia que viria. Minha mulher e filho estiveram aqui até há pouco, mas estão baqueados, pedi que fossem descansar dizendo que você estava chegando e ficaria comigo. Meu amigo, antes da aplicação da morfina tive medo de que não acordasse para vê-lo. Disse isso aos médicos e exigi que medida da droga deviam me aplicar. Eles relutaram, mas, você sabe, quase todos foram meus alunos – disse, sorrindo maroto dessa sua molecagem.

- O respeito deles por você será eterno. Amo você, Serjão, como se fosse meu irmão de sangue. Lembra-se de Davi e Jônatas? Que droga que nunca conseguimos estar do mesmo lado, que dupla formidável faríamos! Nunca entendi por que, diabos, quando você entrou para o mundo espiritual eu saí dele. Esperava que cuidasse de mim quando eu estivesse morrendo. Você não podia fazer isso comigo agora, seu cretino.

- Aproveite e ajeite aqui o meu travesseiro, Du. E, então, você pensou na questão que eu lhe propus?

- Sim, pensei. Essa, a rigor, é uma grande interrogação pra mim. Mesmo aceitando todas as proposições científicas e as teorias mais atualizadas para o surgimento da vida sem nenhum processo sobrenatural, fica essa questão da moral. De fato, de onde veio isso? De onde vem o sentimento fraterno e imenso que tenho por você? De onde vem, por exemplo, sua disposição, grande cirurgião de renome internacional que é, de, uma vez por semana operar com toda sua equipe, inteiramente de graça, pessoas absolutamente desamparadas e anônimas pra você? De onde vem o amar e o perdoar?

- E você, Dudu, é uma verdadeira celebridade do saber jurídico, íntegro, incorruptível como nunca vi ninguém, acompanhei toda sua vida, sempre tive prazer em assistir suas atuações nos tribunais, suas argumentações de lógica imbatível, suas aulas magnas, li seus livros. Você sempre viveu o que ensinou. E quando deixou a fé, nada mudou em você, continuou sendo a mesma pessoa em retidão e caráter. De onde vem essa integridade, essa lhanza, esse proceder escorreito, meu amigo? Sei que essa não é uma argumentação científica e nem mesmo muito forte, mas é instigante pra mim. Pense nisso.

A posição de Sérgio na cama estava incômoda, faltava-lhe o ar, tiveram que chamar os enfermeiros. Depois de alguns procedimentos e várias medicações, melhorou um pouco, virou-se para trás e ele mesmo colocou a luz do quarto numa meia penumbra que não os incomodasse. Mas, só ele sabia o que aquele esforço representava, e ter conseguido o deixou extenuado.

- Serjão, estava olhando aqui seu esforço pra alcançar o interruptor, mas senti que não queria minha ajuda. Que barra, amigo! Isso é injusto, você não merece isso. Veja só, nascemos em um mundo ao qual não pedimos pra vir; não escolhemos nossos pais, nossa família, nosso país; chegamos aqui e descobrimos que somos imperfeitos, finitos, cheios de limitações no tempo e no espaço; quando encontramos a religião é-nos dito que estamos num fogo cruzado, do qual não somos culpados, pois somos vítimas de uma guerra cósmica que não é nossa; e mais, que somos pecadores, temos natureza caída; a única coisa líquida e certa que temos à frente, pois, é a morte; pra sermos atingidos por ela não precisamos fazer nada, e para escaparmos dela não há o que fazer. Onde está a justiça dessa situação, querido amigo?

Sérgio ficou calado, entendia a perplexidade do amigo. Ele, outrora, sofrera bastante com esse tipo de reflexão. E não adiantava utilizar textos bíblicos, pois Eduardo não cria mais nela como Palavra de Deus. Não adiantava citar pensamentos tirados do Talmud, do Bhagavad Gita, do Alcorão, pois também não faziam sentido para ele. E nem mesmo mencionar os extensos tratados conceituais de filosofia pura que ambos leram, pois estes não seriam capazes de lhe trazer segurança e paz interior.

- Dudu, sinto que estou quase indo embora, pelo caminho de toda a terra. A dor e a falta de ar estão me consumindo. Mas não quero que me “apaguem”, por favor, não deixe, quero ficar lúcido até o fim. Querido amigo, sou honesto em lhe dizer que tenho resposta pra mim, mas, não pra você. Terá que continuar sua busca, aliás, honesta busca, por uma verdade em que possa crer. Mas, quero lhe dar um último depoimento, e depois lhe fazer um pedido.

Eduardo tinha os olhos vermelhos, muita vontade de gritar e chutar tudo à sua volta. Seu amigo, seu melhor e mais perfeito amigo, estava de partida. Pra ele, Eduardo, essa era uma viagem sem continuidade, sem qualquer esperança de um reencontro, já que só cria nessa vida.

- Dudu, o Ser em quem eu hoje creio e chamo de Deus, falando-me à célula do pensamento, que fica bem aqui, atrás do meu lobo frontal, me convenceu há três décadas, na penumbra de um centro cirúrgico, de que Ele é real, tão real como eu e você. Naquela madrugada abri o meu coração para o que chamo de fé confiante. E a partir dessa escolha, dessa determinação da minha vontade, eu jamais me arrependi, jamais me decepcionei, apenas cresci no meu relacionamento com Ele. Por isso não tenho medo de morrer, só tenho medo de sofrer, medo da dor. Além disso, sei que não terei nessa vida todas as respostas que busco. Daí a aparente redundância que usei da fé confiante.

- E por que você crê em Deus, Serjão? Dê-me uma razão lógica, uma evidência pra que eu, seu melhor amigo, também possa crer, ou voltar a crer.

- Dudu, não me peça argumentos e provas laboratoriais, grandes elaborações intelectuais, fórmulas científicas, comprovações físicas ou metafísicas, reflexões filosóficas definitivas, pois não as tenho. Hoje eu creio em Deus como uma criança. Como é que elas dizem? “Porque sim”. É, é isso, creio em Deus “porque sim”. Sinto Deus em mim, pressinto Seu cuidado e um propósito subjacente em tudo à minha volta, até mesmo nessa minha doença. Não tenho como passar isso a você, só posso sentir e testemunhar.

- Serjão, seu Deus ama também os ateus e agnósticos como eu? Tem alguma consideração por quem deixou de acreditar nele? Seria ele capaz de me conceder a eternidade?

- Sim, Dudu, pelo que aprendi a respeito dEle, não tenho a menor dúvida disso. Nosso comportamento, nossa condição de crença ou não-crença não determinam o amor de Deus por nós, não matam a nossa filiação. Deus nos ama porque somos Suas criaturas. Diria mais, amigo querido, Deus conhece os corações. Existem crentes e “crentes”, e também existem ateus e “ateus” – disse usando os dedos indicadores como imaginárias aspas.

- Além disso – continuou Sérgio - Ele sabe o porquê de alguém ser ateu ou crédulo. Acho que a Ele incomoda muito menos a descrença honesta de um ateu do que a desonesta credice ou hipocrisia de um crente. Dudu, há no evangelho que eu sigo um elemento escassamente compreendido, com frequência distorcido, sobre o qual ainda muito pouco sabemos, estamos apenas começando a arranhar a superfície desse entendimento. Chama-se graça. A respeito dela a Bíblia diz ser multiforme e ter-se manifestado salvadora a todos os homens. Depois que eu me for, continue buscando suas provas e evidências, continue em dia com a ciência, mas, também pesquise e estude um pouco sobre a graça divina. Ela é a contrapartida de toda aquela situação de injustiça que você citou há pouco.

- Queria sentir o que você sente, Serjão, juro que queria ter esperança de vida eterna, mas minha intelectualidade é uma barreira muito forte a esse estado de submissão e crença no sobrenatural. Pode parecer que sou arrogante, e na sua ótica talvez eu seja mesmo. Mas, eu não posso desconsiderar a ciência.

- Você não tem que ser como eu, não o acho arrogante e tampouco desconsidero a ciência, Dudu. Há diversos pontos de contato entre ciência e religião, mas, é claro que elas não são irmãs siamesas, há muitas divergências, sim, há coisas de fato incompatíveis. Creio que, assim como acontece com o amor e com o perdão, a fé é uma escolha. E não há nada mais inútil para a fé do que as certezas. Como diz um professor que um dia ouvi, se há certezas, não há espaço para a fé, quase não há necessidade de fé. A fé existe pra iluminar a escuridão. Sem fé, sem o risco do passo em falso, da corda bamba, não há como haver essa entrega gratuita, espontânea, infantil.

Eduardo ficou calado, pensando no que acabara de ouvir e olhando para o rosto do amigo, absurdamente emagrecido, os olhos enormes fitando-o. Não soube explicar, mas sentiu-se invadido, até mesmo abraçado fisicamente, por uma onda de paz e serenidade. Parecia um último presente de Sérgio para ele.

- Du, agora o meu pedido, não é chantagem emocional, preciso disto. E não se nega nada a um condenado à morte, certo? – disse num meio sorriso. Você é músico, dirigiu corais em seus tempos igrejeiros, e conhece, certamente, o que representa a boa música sacra em determinados momentos de crise. Estou indo embora, amigo, a dor está imensa, mas não chamo os enfermeiros porque não quero ser sedado. Quero apenas que segure a minha mão com firmeza enquanto tento cantarolar o coro de um velho hino, que você mesmo me ensinou numa de nossas tertúlias do passado.

Eduardo pegou forte na mão do amigo, e teve tempo de notar um sorriso tranquilo em seus lábios ressecados, enquanto com voz trêmula tentava cantar baixinho:

“Um dia o Salvador virá | Um dia Ele esclarecerá | Então da dor me livrará | Pois um dia eu hei de compreender.”

Ao terminar, com esforço, calou-se. Em seguida, Eduardo sentiu que a mão de Sérgio afrouxou a pressão contra a sua e seu braço pesou. Ele soltou a mão suavemente enquanto o braço de Sérgio repousava inerte ao lado do corpo. A expressão de paz continuava em seu rosto. Com carinho cerrou-lhe as pálpebras. Chamou os enfermeiros e preparou-se para as próximas horas, que seriam penosas e emocionadas. Iria passar rapidamente em casa para tomar banho e trocar de roupa, e voltaria para o hospital para dar suporte a familiares e amigos de Sérgio.

O dia seguinte foi pleno de recordações e emoções. Eduardo reencontrou muitos amigos, colegas de faculdade, profissionais das mais variadas áreas de atuação, membros das igrejas que frequentara, enfim, companheiros de viagens, ex-alunos dos dois, um universo de admiradores daquele seu maravilhoso amigo que deixava o mundo dos vivos.

Na hora do sepultamento, após um pequeno sermão pastoral e cânticos que falavam da esperança de ressurreição - talvez a coisa mais doce do evangelho, segundo ele recordava - sob uma fina garoa, viu o caixão com seu amigo descer a uma cova rasa, sustentado por correntes, cujo ruído desagradável era agressivo no silêncio reinante, mas era suavizado por uma insólita música tocada suavemente ao violino por uma filha dele, Eduardo.

Após alguns cumprimentos rápidos, beijou sua filha e saiu apressadamente, sozinho, do cemitério à procura de um taxi, sem saber para onde iria. No entanto, a meio caminho da saída, repentinamente sentiu diminuída a vontade de se afastar dali, e gastou alguns momentos circulando lenta e pensativamente pelas alamedas, lendo inscrições das lápides nos jazigos. Chutou algumas pedras pintadas de branco que estavam no caminho, a garoa havia parado e Eduardo sentou-se no banco de um pequeno jardim coberto que havia entre os sepulcros. Pensou no quão efêmera é a passagem do ser humano por esse planetinha sofrido e desgastado.

Então, sentiu-se só, terrivelmente só. Sem o contraponto das ideias e convicções do amigo, o que seria das suas próprias convicções e ideias? Nunca imaginou que um ateu pudesse sentir tanta falta de um crente. Numa reflexão que nunca tinha lhe passado antes pela mente, pensou que talvez fosse a sua certeza da inexistência de Deus que dava todo sentido à convicção da existência de Deus por parte de Sérgio. Estranha ideia. Pena que não poderia mais compartilhá-la e discuti-la com ele.

Sérgio era mais uma mente diferenciada e rara que seguia o caminho de toda a terra, como disse o salmista Davi e Sérgio lhe repetira pouco antes de morrer. Será que nossa vida se resume a isso? – pensou. Será que há de fato um propósito para essa estada aqui, que para a maioria das pessoas é penosa e sofrida? Como descobrir a razão do existir? Haveria alguma mente superior por trás desse projeto aparentemente tortuoso e estranho? Se há, porque ele não se revela com mais facilidade e sem deixar margem a dúvidas?

Olhando para o relógio espantou-se que suas reflexões já tivessem tomado mais de trinta minutos do seu tempo. Levantou-se, saiu caminhando lentamente. A garoa havia recomeçado. Pensava no amigo. Teve a estranha e inexplicável sensação de que aquilo não era o fim da história e de que havia uma razoável chance de que pudesse vê-lo novamente. Quem sabe... Um dia...

São Paulo, 20/12/2013